

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS

GLEYS OCIDÁLIA DE LIMA SILVA

REPRESENTAÇÕES DO SAGRADO NO CONTO *MELHOR QUE ARDER* DE CLARICE
LISPECTOR

PATU
2016

GLEYS OCIDÁLIA DE LIMA SILVA

REPRESENTAÇÕES DO SAGRADO NO CONTO *MELHOR QUE ARDER* DE CLARICE
LISPECTOR

Monografia apresentada ao Departamento de Letras do *Campus* Avançado de Patu da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Balbino Neto

PATU
2016

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas
e Diretoria de Informatização (DINF) - UERN,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

586r	<p>Silva, Gleys Ocidália Lima. Representações do Sagrado no conto melhor que arder de Clarice Lispector / Gleys Ocidália Lima Silva - 2016. 45 p.</p> <p>Orientador: Antônio Balbino Neto. Coorientadora: Maria da Luz Duarte leite Silva. Monografia (Graduação) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Letras com habilitação em língua portuguesa, 2016.</p> <p>1. Sagrado. 2. Sexualidade. 3. Clarice Lispector. I. Neto, Antônio Balbino , orient. II. Silva, Maria da Luz Duarte leite, co-orient. III. Título.</p>
------	---

GLEYS OCIDÁLIA DE LIMA SILVA

Representações do sagrado no conto *melhor que arder* de Clarice Lispector

A presente monografia foi aceita pelo Departamento de Letras do *Campus* Avançado de Patu da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito a obtenção do grau de Licenciada em Letras, sendo aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, abaixo especificada.

Aprovado em ____/____/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Balbino Neto
Orientador
(CAP-UERN)

Prof. Ms. Maria da Luz Duarte Leite Silva
Examinadora

Prof. Ms. Maria do Socorro dos Santos
Examinadora
(CAP-UERN)

PATU
2016

A Nosso Senhor Jesus por todos os momentos. Pelos bons nos quais amei, sorri me entreguei por inteira e chorei de alegria, pelos ruins que me fizeram mais forte. Aos meus pais que mesmo em meio às dificuldades da vida nunca desistiram de me dar o melhor, como também de me incentivar na vida estudantil. A minha irmã, que esteve sempre ao meu lado, ao meu noivo que nos últimos anos esteve comigo sempre me ajudando e apoiando, aos meus professores que me ensinaram não somente os conteúdos, como também a ser mais forte para ir em busca de meu crescimento profissional. Obrigada!

AGRADECIMENTOS

Nessa etapa final, não de meus estudos, mas do fim desse curso, faço uso desse espaço para agradecer a todos que de alguma forma estiveram ao meu lado me apoiando e incentivando durante esse processo de aprendizado.

A Deus, por ter cuidado de mim, e jamais ter me desamparado mesmo quando tudo parecia impossível. Seu amor e abraço protetor foram os mais importantes durante todo esse período, Ele foi meu porto seguro. Nada é possível sem o Pai celestial, e Ele esteve comigo durante todo meu caminho de formação.

Aos meus pais por desde cedo ter batalhado para minha vitória, me ensinado sempre o melhor caminho, caminho esse de honestidade, amor, trabalho e perseverança. Nada eu teria conseguido se os mesmos não estivessem ao meu lado.

A minha irmã, por está sempre do meu lado, ouvindo meus desabafos e incentivando minha luta.

Ao meu noivo que nos últimos anos esteve ao meu lado, por vezes separados por vários quilômetros, mas juntos em um único coração, agradeço por desde sempre ter estado comigo cheio de amor, paciência, carinho e respeito, tornando assim meu mundo mais doce e os obstáculos mais leves.

Aos meus amigos (as) que durante todos esses anos não só me ajudaram como também tornaram meus dias mais alegres acrescentando também em meu conhecimento. Principalmente as que compõem junto comigo “O quarteto fantástico” (Fernanda de Oliveira, Keila Lairiny, Lucia Cristina).

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio Balbino Neto que esteve comigo nesse último período, me orientando para que eu pudesse fazer o melhor.

Aos professores que se fizeram presentes ao longo da caminhada, contribuindo para meu crescimento profissional.

Obrigada por tudo!

“O contato com o outro ser através da escrita é uma glória. Se me fosse tirada palavra pela qual tanto luto, eu teria que dançar ou pintar. Alguma forma de comunicação com o mundo eu daria de ter. E escrever é um divinizador do ser humano”.

Clarice Lispector

RESUMO

Este trabalho monográfico tem por objetivo, analisar as representações do sagrado no conto *Melhor que arder* de Clarice Lispector. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico. Para dar luz a nossos estudos, fundamentamos em teóricos como Foucault (1988), Bauman (2005), Ferreira (1999) e Kanaan (2002), dentre outros. Como metodologia fizemos uso de vários procedimentos, tais como: A coleta e análise de dados necessários para o estudo, como também a leitura do conto e de livros que tratam sobre o assunto. Através desta pesquisa apresentamos metáforas que representam o Sagrado na obra em questão, como também refletir sobre temas a colocar o resultado da pesquisa de nossa sociedade, principalmente no que diz respeito a sexualidade e religiosidade. Com as reflexões desse estudo, observamos o quanto a autora leva um fato real para seus escritos, Clarice também transparece sua vida, e seus sentimentos no que escreveu levando mais emoção e intensidade para sua escrita.

PALAVRAS- CHAVE: Sagrado. Sexualidade. Clarice Lispector.

ABSTRACT

This monographic work aims to analyze the representations of the sacred in the tale *Best to burn* by Clarice Lispector. This is a bibliographic research. For Luz to our studies, we base theorists as Foucault (1988), Bauman (2005), Ferreira (1999) and Kanaan (2002), among others. As a methodology we made use of several procedures, such as: The collection and analysis of data needed for the study, as well as reading the story and books dealing with the subject. Through this research we present metaphors that represent the Sacred in the work in question, as well as reflect on themes to put the results of our society's research, especially regarding sexuality and religiosity. With the reflections of this study, we observe how much the author takes a real fact to his writings, Clarice also transpires his life, and his feelings in what he wrote taking more emotion and intensity to his writing.

Keywords: Sacred. Sexuality. Clarice Lispector.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1– CLARICELISPECTOR: A BRUXA DA ESCRITA	13
1.1 A introspectiva Clarice Lispector	13
1.2 Clarice hoje: Clarice do introspectivo do psicológico e da subjetivação	17
1.3 Identidade e gênero na escritura de ClariceLispector.....	20
1.4 Sagrado e sexualidade nos contos clariceanos.....	24
2 – O SAGRADO: NO CONTO MELHOR QUE ARDER	28
2.1 Contação de um conto	Erro! Indicador não definido. 28
2.2 Clarice e seus personagens introspectivos e psicológicos Erro! Indicador não definido.	30
2.3 Identidade e gênero nos personagens do conto Melhor que arder.....	32
2.4 A subjetivação na escrita no conto Melhor que arder	36
2.5 O sagrado e a sexualidade nos personagens do conto Melhor que Arder	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	45

INTRODUÇÃO

Clarice Lispector é uma escritora modernista do Brasil que teve destaque por apresentar subjetividade em suas obras. A mesma teve uma carreira marcada por clássicos, dentre eles, vários apresentam a religiosidade, como em *a via crucis do corpo*.

Grandiosos são os estudos a respeito de suas obras. Após 39 anos de sua morte, seus escritos continuam sendo apresentadas como sendo uma das melhores leituras eleitas pela crítica literária.

Um de seus livros de maior sucesso? É *A via crucis do corpo*, escrito em 1974 por ser considerado por muitos como obra menor. Além de um erotismo leve, Clarice trás a presença forte do mundo religioso, até mesmo costumes e identidade da igreja Católica, levando-nos a uma profunda reflexão sobre o Sagrado.

A presente pesquisa procura analisar as representações do sagrado no conto melhor que arder de Clarice Lispector. Esta pesquisa justifica-se por apresentar indícios do sagrado uma vez que esta é a categoria eleita para esta análise para que possamos refletir o uso sexual e religioso de Clarice em seu conto. Como também Analisar a escrita da autora associando, de forma analítica, o elemento “sagrado”, identificar a identidade de Clarice e dos personagens da obra e analisar a vida de Clarice refletida em sua escrita. Tudo isso se deu pela curiosidade de entender a fundo Clarice Lispector e tornar esta pesquisa externa.

O estudo é de caráter bibliográfico, essa escolha deve-se ao fato de ser uma análise de um conto. Assim, o referencial teórico elencado levará a reflexão do sagrado no conto apontado. Já o caráter teórico metodológico está pautado numa abordagem literária, para assim facilitar a chegada dos resultados objetivados.

Para um desenvolvimento deste estudo, fizemos uso de vários procedimentos que facilitaram coletar e analisar os dados necessários para o estudo. Colhemos materiais que falam sobre a vida da autora como sua escrita, bem como um esboço teórico como Foucault (1988), Bauman (2005), Ferreira (1999) e Kanaan (2002).

No primeiro capítulo foi abordada a vida da escritora Clarice Lispector, desde sua chegada ao Brasil ainda no seio de sua família até seus dias de sucesso. Como também seu lado psicológico emitido em seus escritos. A identidade, não só de Lispector, mas também sua vida e maneira de ser refletida em seus personagens, e ainda, o sagrado e sexualidade presente em seu conto. Trazendo as reflexões teóricas que dão luz para uma esta análise.

Nos segundo, e último capítulo apresentamos a análise do conto estudado. Como também, as respostas diante das indagações feitas de acordo com a análise realizada.

Finalizamos nosso estudo monográfico, expondo nossas considerações finais, apresentando o resultado de nossas reflexões sobre o Sagrado presente no conto “erótico” de Clarice Lispector.

1– CLARICE LISPECTOR: A BRUXA DA ESCRITURA

“Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada... porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro...”

Clarice Lispector

Neste primeiro capítulo, apresentamos considerações teóricas sobre a vida de Clarice Lispector, apresentando seu lado introspectivo presente em suas obras e sua vida, como também a identidade e sexualidade presente em seus contos e personagens. Mas, entrando como foco na análise do Sagrado. Para dar luz aos nossos estudos subsidiados de autores como: (1988), Bauman (2005), Ferreira (1999) e Kanaan (2002).

1.1 A introspectiva Clarice Lispector

Clarice, com suas entrevistas, depoimentos e escritos sobre sua vida acabou despertando a curiosidade em estudiosos.

Os pais de Clarice Lispector, Pinkas e Mania moravam na Rússia na época da grande perseguição dos judeus e da miséria extrema que ali reinava decorrente da primeira guerra mundial. Então Pinkas foi praticamente salvo quando recebeu uma carta de chamado de seus familiares no Brasil, porém Mania Lispector não se encontrava bem, então optou por engravidar, pois de acordo com as crendices da Ucrânia, engravidando ela poderia se curar. Essa doença parece ter dado vida a Lispector.

Após engravidar e já um pouco melhor, Pinkas, suas duas filhas e sua esposa Mania Lispector iniciaram um longo percurso rumo à fronteira brasileira. Uma vida cheia de grandes obstáculos, não muito diferente da que observamos quando ouvimos as histórias de pessoas que cruzam as fronteiras.

Depois de um longo e gasto percurso chegaram a Tchetchelnik onde dia 10 de dezembro de 1920 nasce Haia terceira filha de Pinkas e Mania Lispector. De acordo com Ferreira (1999):

O nome da criança? Haia, que em hebraico significa “vida”. Em plena fuga nascia Haia. Ela chega ao mundo quando seus pais tentavam a última saída para se livrarem do caos que se instalara na Ucrânia. Haia era a esperança de dias mais tranquilos para os Lispector.

Podemos ver como Clarice já nasceu para o sucesso, seu nome já significava vida, ou seja, um a longa vida cheia de vitórias estava por vir.

A próxima parada dos Lispector foi em Bucareste, onde conseguiram o visto para entrar no Brasil, desde o dia que saíram de casa até chegar em Bucareste, foi um ano de viagem. Em exatamente 1922, no mês de fevereiro Pinkas e sua família embarcaram para Cuyabá. Podemos perceber o sofrimento que viveu a família Lispector, pois um ano é muito tempo para se passar sem aconchego e conforto nenhum.

Quando chegaram ao Brasil, acreditamos que o alívio daquela família transparecia em seus rostos, felicidade que tomava de conta dos 102 tripulantes. Ao chegarem ao Brasil todos mudam de nome, “[...] Pinkas passou a se chamar Pedro; Mania, Marieta; Lea, Elisa; Tania continuou Tania e Haia passou a se chamar Clarice.” (FERREIRA 1999, p.30).

Porém ao chegarem ao Brasil à família Lispector passou por várias dificuldades, sendo muitas delas referente à grande pobreza, pois apenas Pedro pai de nossa querida Clarice que ainda estava muito pequena trabalhava, sua esposa doente e Elisa sendo a filha mais velha tomava conta das tarefas mais árduas de casa. Concomitantemente Clarice com apenas dois aninhos dava seus primeiros passos. A família Lispector não desistia de ser feliz, então nesse meio tempo resolveram ir para Recife onde havia grande indústria açucareira e grande comércio.

Clarice em seus livros faz transparecer sofrimento, que não era apenas criação para seus personagens, e sim um sofrimento de seus pais e irmãs. Depois de formada, casada, escritora, tudo para Clarice muda, sua vida por inteira principalmente as dificuldades financeiras que deixam de existir, mas em seu coração ainda é carregado todo o desgosto que vivera na infância.

Depois da ida para Recife, começa a desabrochar a menina Clarice sábia e esperta, como relata Ferreira (1999, p. 35):

Da varanda do sobrado dos Lispector via-se, na praça Maciel Pinheiro, um chafariz sustentado por quatro leões. Clarice, de súbito, imobilizava-se ao deparar com o imenso chafariz. Quando olhava pela varanda tinha medo de cair, pois achava tudo muito alto. De uma hora para outra o leão podia descer do chafariz e invadir a praça. Uma ideia como essa já era motivo para começar a fabular. Clarice ainda não sabia ler; no entanto, era capaz de inventar um modo de contar histórias. Por volta dos seis anos de idade, ela descobriu que a história ideal era aquela que não acabava nunca. Com a participação de uma amiguinha, Clarice contava uma história, quando não havia mais possibilidade de continua-la, a amiga prosseguia; ao atingir um pontos impossível, por exemplo, todos os personagens mortos, Clarice dizia: “ Não estavam bem mortos.” E continuava a história. A pequena contadora

de histórias não gostava de ficar em casa. Ao surgir uma oportunidade ela descia e ficava na porta do sobrado. Guiada por seu instinto, escolhia uma criança, dentre as muitas que passavam, e a chamavam para brincar.

A partir daí a menina considerada esperta e muito inteligente só crescia aprendendo a ler na escola onde seu pai a matriculou por perceber sua precoce inteligência mesmo com tantas dificuldades e sérias crises financeiras.

Exatamente em 21 de setembro de 1930, com nove anos de idade a menina Clarice Lispector, perde sua mãe, sendo esse mais um ponto de dor em sua vida. Nessa época, a escritora é matriculada no terceiro ano, onde escreve a peça “Pobre menina rica”, livro esse que seu pai perdeu. Porém diante de todas as dificuldades, que ainda é presente em muitas vidas hoje, Clarice não desanimava, diz (FERREIRA 1999, p. 37) que: “No mundo da fantasia não havia espaço para o sofrimento. Bastava uma palavra e o sapo virava príncipe.”

Clarice chegara as suas primeiras leituras que foram o conto do patinho feio e de Aladim e a lâmpada maravilhosa. Maravilhada com as historinhas e curiosa descobriu que era feita por escritores. A partir desse fato, resolve ser escritora também. Daí em diante começou a inventar suas historinhas sem fim. Em uma entrevista a TV Cultura Clarice nos diz que essas histórias foram perdidas.

Aos onze anos Clarice apresenta ter um sonho, qual seja: ler um livro chamado *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, que presenciamos está história no conto Felicidade Clandestina. Este sonho é vivido por um amenina que gostava de ler, sofrendo para conseguir o livro tão desejado, que na história quem possuía era uma menina gorda filha de um dono de uma livraria. Uma amiguinha com a mesma idade possuía o livro, porém sempre que Clarice ia a sua casa pegar o livro emprestado a menina o negava dizendo que o livro estava com outra coleguinha e que Clarice fosse no dia seguinte, e sempre que Clarice ia a resposta era a mesma. Porém, finalmente, um dia quando estava a porta da casa da amiga mais uma vez para pedir o livro emprestado apareceu a mãe da menina na porta para pedir explicações de o porquê Clarice estava todos os dias ali. Então a senhora entendeu o que acontecia... E dizendo que o livro nunca havia saído de sua casa emprestou o livro a aquela jovem menina leitora e disse que a mesma poderia fica com ele o tempo que quisesse. Clarice desde sempre foi encantada apela leitura e assim, se transformou no que conhecemos hoje.

A tortura acabou e como descreve Ferreira (1999, p. 56):

Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. (...) Meu peito estava quente, meu coração estarecido, pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter.

Clarice seguia esperta e apaixonada pela leitura e escrita. Em 1935, com 14 anos de idade e 10 de habitação em Recife, Pedro e família mudam-se para a cidade do Rio de Janeiro para uma casa alugada na Tijuca.

No Rio de Janeiro a menina leitora cursa a quarta serie e termina o curso ginásial, nessa época lê romances doces propícios para sua idade. Já estudando o curso complementar Clarice dá aulas de reforço para ajudar em casa e ainda estuda inglês.

Sempre foi muito apaixonada pela literatura. Como observamos, Clarice lia muito e também costumava escrever histórias sem fim. Enigmática, Clarice tinha um sonho de publicar em uma revista. Ferreira (1999, p. 64):

Mergulhada em livros e mais livros, rapazes, provas, Clarice estava envolvida com a literatura até a alma. As inúmeras tentativas fracassadas para encontrar o seu método de trabalho deixavam-na exaurida. Às vezes, vinha à mente algum conto interrompido, como aquele que escrevera após a leitura de *O lobo da estepe*. Teve vontade reescrevê-lo e conseguiu. Ela não se contentava somente em escrever, gostaria de ver seus contos publicados numa revista literária. Era capaz de domar sua timidez, se fosse preciso, e ao encaminhar-se à redação da *Vamos Ler!* Se armou de muita coragem. Ao chegar à praça Mauá, 7, dirigiu-se ao escritor Raimundo Magalhães Junior: *É para ver se o senhor publica*. O diretor da revista leu e perguntou: *Você copiou isso de alguém? Você traduziu isso de alguém?* Clarice respondeu que não e seu conto foi publicado.

Foi em março de 1937 que Clarice iniciou o curso complementar na Universidade Nacional de Direito brasileira (preparação para cursar direito).

Nossa maravilhosa escritora com toda sua dedicação e talento trabalhou como tradutora em uma empresa de propaganda, logo depois como redatora e repórter de uma agência nacional. Desde então, se dá início a sua carreira de jornalista, sua primeira reportagem é *Onde se ensinará a ser feliz*.

Em 1942 Clarice começou a maravilhar o público leitor com seu primeiro romance *Perto do coração selvagem*. No ano seguinte, em 1943, Clarice casa com Maury Gurgel também estudante de Direito, pouco depois de casados Gurgel passa em um concurso e torna-se diplomata e vai morar em Belém do Pará (PA). *Perto do coração selvagem* tem grande repercussão, grandes nomes liam e apreciavam o trabalho daquela jovem. Relata Ferreira (1999, p. 98).

Mas isso é excelente! Que sobriedade, que penetração, e ao mesmo tempo, apesar do estilo nu, que riqueza psicológica! Milliet leu mais alguns trechos para certificar-se do valor do texto. Convencido, iniciou o primeiro capítulo sem interrupções, fascinando pelas observações profundas de Joana, pela coragem simples com que compreende e expõe a trágica e rica aventura da solidão humana. Palavras tão entusiasmadas vindas de um crítico como Sérgio Milliet eram o primeiro sinal de que *perto do coração selvagem* estava predestinado ao sucesso.

Clarice deixa nítido que sua escrita causaria grande sucesso, pois era algo inovador e cheia de vivacidade.

Em 1946 Clarice lança seu segundo livro chamado *O lustre* pela editora Agir. Dai em diante foi só sucesso, resultando no que já conhecemos hoje. Dois anos depois engravidada de seu primeiro filho, sua escrita agora era mais árdua, pois acaba tendo que escrever grávida e depois cuidando de seu filhinho recém-nascido. No ano de 1950, Clarice passa a escrever contos. Sua carreira segue com escritas românticas, contos e livros infantis, algumas de suas obras são também encomendadas por editoras.

1.2 Clarice hoje: Clarice do introspectivo, do psicológico e da subjetivação

Clarice hoje é vista como uma escritora Modernista no Brasil, conhecida por muitos como uma diva que teve destaque por sua subjetividade presente em suas obras. Teve sua carreira marcada por muitas obras e em alguma delas observamos a forte presença da religiosidade. Como diz Kanaan (2002, p. 190).

Clarice conduz o leitor a uma fora de percepção diferente daquela com a qual está familiarizando, com uma imagem sua inédita, não porque nunca existiu, mas porque nunca se deu conta. No entanto uma imagem flutuante, que se modifica a cada vez que o sujeito entra em contato com um “outro”, seja uma pessoa, um animal, um texto, uma pintura, uma música, ele mesmo. A tensão provocada nesse encontro cria uma força que atrai o sujeito para fora, em direção ao mundo, pondo-o em relação.

Não são poucas as discussões que nos rodeiam a respeito da escritora Clarice Lispector e de seus escritos. Já se passaram mais de 39 anos de sua morte, e seu trabalho continua vivo em nossos corações, memórias, estudos, discussões, apresentações de trabalhos e em embasamentos teóricos. Seus livros são estudados até hoje, suas frases citadas e refletidas, seus fãs a amam e idolatram a diva.

Vários de seus contos e livros apresentam como enigma uma religiosidade ainda a ser decifrada. Aliás, Clarice foi uma mulher enigmática, que escreveu histórias difíceis de serem até mesmo entendidas e decifradas.

Em 1974 Clarice escreve o livro *A via crucis do corpo* composto de quatorze contos encomendados, sendo uma obra menor que as demais, por muitos considerado até mesmo um lixo comparado às demais publicações da escritora, levando em consideração que nesta mesma época a autora passava por dificuldades financeiras e produziu o livro para a editora Artenova, sendo que escritores dificilmente se orgulham de obras encomendadas.

Em 45 a escrita do momento era de sondagem psicológica e introspectiva, tendo maior destaque a escritora Clarice Lispector, por ser uma presença constante o fluxo de consciência em seus personagens. É o que nos diz Kanaan (2002, p. 74), quando fala que as obras de Clarice são de pertencimento:

Vem desse tipo de questionamento, por exemplo, minha insistência na ideia da obra clariceana como uma obra de *pertencimento*. Este, contudo, só pode ser alcançado por uma leitura atenta a cúmplice, ou seja pela *escuta*. É um desejo que se presentifica nessa escritura, desejo de pertencimento, que só cumpre no diálogo, nesse “jogo transferencial”, contínuo, infinito [...].

Como podemos ver as obras clariceanas não são fáceis de compreender, dessa forma precisamos de mais de uma leitura, e a cada leitura novas descobertas.

No que diz respeito ao introspectivo, Medeiros (2003, p. 120) mostra que:

Há contos narrados em primeira pessoa e em terceira, caso em que a técnica do discurso indireto livre diminui a distância entre narrador e personagem, destacando a vocação intimista e introspectiva da ficção de Clarice Lispector.

Clarice trás em seus escritos técnicas para tornas os personagens mais reais e próximos do público, muitas vezes parecendo até mesmo um diálogo.

As identidades dos personagens das obras de Clarice Lispector além de sociais são psicológicas nas quais o leitor é capaz de ver além do que está escrito, como também muitos pensamentos e sentimentos dos personagens são revelados. Tornando-se assim textos cheios de propriedade e autenticidade.

A escrita de Clarice Lispector por vezes pode causar estranhamento a nós leitores, como também isso é usado dentro de seus textos e em seus personagens. Assim vem nos falar Kanaan (2002, p. 191):

Pois ela coloca o outro em relação de estranhamento a si mesmo, querendo criar com isso novas formas de elaboração de si. Ou seja, como o sujeito pode elaborar para si uma nova forma de agir sobre o mundo, o outro, não pautada apenas por fixações narcisistas, na recusa do diferente por medo de perder sua “integridade”.

Lispector, trás em seus personagens seres pensantes que andam a procura de mudança, a procura de uma vida melhor e de um ser alguém capaz de satisfazer os próprios desejos, dessa forma entrando em estranhamento consigo mesmo.

Clarice inova, de uma forma jamais vista, os personagens criados por Lispector apresentam um discurso sólido visto que conversam com eles mesmos, como forma de auto análise que o personagem faz, diz (KANAAN 2002, p. 197): “A linguagem escrita desempenha para Clarice um papel essencial, pelo qual pode agir sobre o mundo, criar, experimentar, gerando um modo singular de subjetivação, marcado pela liberdade nos uso que dela faz.”

Clarice constrói em todo seu percurso enquanto escritora, uma vida de inovação e criação, agindo e brincando com a vida dos personagens que por muitas vezes são seus sentimentos, ou que a mesma deseja ser inseridos nos protagonistas de seus textos, e é com essa liberdade que a mesma ganha espaço nas bancas de livros, e nas leituras preferidas do público leitor.

As personagens das obras Clariceanas, são muitas vezes figuras dramáticas que refletem a vida do sujeito, que passa por problemas, amores, solidões, indecisões, injustiças, mas são também aqueles que possuem em seu percurso de vida momentos cheios de completude, ou seja, de grande felicidade, como também podem acabar sua história vencendo e ultrapassando as barreiras.

Em suas escrituras, seus personagens podem parecer estranhos, no falar, pensar, agir e em seu físico. Alguns são comparados com uma única entrevista da escritora que foi concedida a Tv Cultura denunciam quem é a escritora e sua imagem refletida nos protagonistas, sendo assim a vida de nossa querida autora esta refletira em suas escrituras. Assim explica Kanaan (2002, p. 198):

A noção de estranho em Clarice vai ao encontro dessa ideia, pois ela viveu, ao longo de toda sua história, esse processo de ser estrangeira a um país. [...] ela chegou ao Brasil com dois meses de idade, portanto chegou com estrangeira, e assim permaneceu durante anos, até ter sua nacionalidade reconhecida pelo governo Getúlio Vargas. Essa posição é refletida, por outro lado nas várias situações vividas ao lado do marido diplomata, nas constates mudanças de país, na sua relação com leitores, consigo...

Lispector chegou ao Brasil muito nova, apesar de ser quase brasileira cresceu no ventre de uma família que era de fato estrangeira e certamente viveu por muito tempo uma vida de estrangeirismo.

Clarice em seus escritos também traz uma ideia que vai além do que está escrito, pois além da leitura escrita, à escritora faz imaginar muitas cenas e fatos que podem estar ali no texto. Dessa forma, podemos ter várias interpretações das obras clariceanas e poucas são as certezas, já que suas entrevistas foram pouquíssimas. É o que diz Kanaan (2002, p. 199):

Para Clarice, escrever é viver a experiência do estranho, em que pode aos poucos ir se acercando do que até então não conhecia, não havia pensado, experimentado. No entanto, não é o caso simplesmente de reconhecer e abrigar em si o estranho, mas de respeitar sua singularidade. Daí falar-se em processo ético, em que o uso dessa moral é determinado sobretudo por uma preocupação com o outro, transcendendo o plano puramente pessoal.

Clarice a partir de um processo de subjetivação dentro de seus textos, pois ela se doa colocando seus sentimentos em seus personagens, e assim entregam por inteiro, trazendo certa confusão no que se refere a discernir se é obra de ficção ou bibliográfica.

Assim Kanaan (2002, p. 203), nos explica que:

Escrever, nesse sentido, para Clarice é um processo de subjetivação. O ato de narrar – na dimensão da escuta, [...] propicia um distanciamento de si, levando seu autor a refletir sobre o conteúdo de sua narrativa, tomando uma posição diante dela (ainda que procure se esconder em seus meandros) e do outro a quem se dirige, figura concreta ou imaginária, espécie de si mesmo marcado por uma série de experiência, vivências e expectativas.

Contudo, o que podemos observar é que Clarice, em alguns casos faz uso de sua biografia de vida para a elaboração de seus textos e personagens e ainda nos coloca enquanto escritores dentro do mesmo como um solucionador dos problemas e questões vividas pelos protagonistas e antagonistas. Sendo assim, enquanto leitores continuadores das criações de Clarice, via-se até onde a imaginação pode levar, como diz (KANAAAN 2002, p. 206).

1.3 Identidade e gênero na escritura de Clarice Lispector

*“Ninguém muda apenas interiormente, nem sozinho.”
(CIAMPA, 1998; 114).*

Desde as primeiras publicações de Clarice Lispector, vê-se que a mesma vem causando impactos sociais, pois ela tinha uma forma própria de escrever diferente do que se via na época, procurando dar foco ao drama vivido pelo indivíduo moderno, como também o conhecimento do sujeito de si mesmo. Em seus contos os personagens possuem identidades

isoladas, renovadas, e ainda diferentes do que a sociedade esperava e desejava. Personagens que possuíam a própria sexualidade motivadora de sua identidade.

Sobre Identidade, Bauman (2005, p. 19), apresenta que:

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece pendente.

Muito de nossa vida podemos escolher, mas uma parcela é vinda do meio em que estamos, dessa forma há uma interferência em nossa identidade.

Diante dos escritos de Clarice observamos que para ela a identidade nem sempre é um produto no meio, pois em alguns de seus contos, o psicológico dos personagens revela sua identidade, algo que vai mais além do que, se quer ser, mas, mais pelo que seus sentimentos afloram e desejam ser. Mardones (1996, p.111), nos explica:

Estamos agora mesmo em um mundo em que tudo deve ser submetido a uma reflexão, incluída a própria identidade, que, de ser uma identidade mais ou menos dada por suposto, herdada (...) passa a ser uma identidade reflexiva que deve surgir conscientemente”.

Em muitos fatos de nossa vida podemos fazer escolhas em o que achamos certo ou errado, essa é a identidade pensada.

Em seus textos, Clarice sempre trás personagens mulheres vivas, com papéis importantes, pois buscam encontrar na vida um rumo, com também tentam ser feliz do jeito que querem, sem maquiagens. Seus contos estão repletos de mulheres que buscam a felicidade sem se importar com o que a sociedade vai dizer com a ousadia do gênero feminino, dessa forma a identidade dessas mulheres está refletida na força de seu gênero. Como diz (ZINANI 2006, p.103), “a constituição da identidade de gênero, a partir de uma perspectiva feminina, pode ser percebida através da identificação profunda [...]”.

Clarice mostra em suas personagens, histórias escolhidas por elas mesmas, destinos traçados por elas próprias e inovações de vida. Como diz (ZINANI 2006, p. 93) “[...] não se pode pensar a mulher como uma entidade abstrata, mas como um ser dotado de historicidade que procura traçar novos caminhos, estabelecendo elos entre a história passada e a vida presente”. As mulheres possuem um histórico de preconceitos, dessa forma muitas acabam tomando consciência e querendo viver de forma diferente.

Zinani (2006, p.49) também vem nos falar sobre a mudança de padrão feminino quando diz que:

A recodificação do papel da mulher, a partir dos estudos de gênero, implica a constituição da subjetividade feminina, à medida que a modificação do padrão tradicional abala a maneira de lidar com a economia interna e externa, forçando a mulher a assumir o seu lugar, tanto no espaço privado como no social, o que não vai acarretar dificuldades para mulheres e homens, já que não há mais modelos em que se espelhar, e é necessário construir um novo paradigma.

Esse foi o novo paradigma que Clarice criou, pois suas personagens são as que reinventam-se sem se espelhar em pessoas já formadas e ainda vivem momentos de extrema felicidade.

A identidade das personagens de Clarice, principalmente as de seus contos eróticos, é uma identidade verdadeira de pessoas que não aguentam viver e esconder o que de verdade são, apenas para a vontade da família ou de uma sociedade hipócrita.

Clarice, sempre deixou vestígios de sua identidade em seus escritos, ou até mesmo de acontecimentos verídicos de sua vida, como também seus sentimentos, aflições e tristezas. Lispector sempre demonstrava ser uma pessoa reservada, mas forte. Em sua última entrevista antes de falecer na TV Cultura Clarice demonstra ser uma mulher de identidade forte de poucas palavras e também cansada diante de todas as dificuldades que passou. Uma das perguntas foi: A sua produção ocorre com frequência ou você tem períodos? E Clarice responde “Tenho períodos de produzir intensamente e tenho períodos-hiatos em que a vida fica intolerável”. Isso pode revelar como escritora era também inconstante.

Bauman (2005, p. 18), explica identidade da seguinte forma.

A descoberta de que a identidade é um monte de problemas, e não uma campanha de tema único, é um aspecto que compartilho com um número muito maior de pessoas, praticamente com todos os homens e mulheres da nossa era “líquido-moderna”.

A identidade de uma pessoa se configura a partir de vivências e convivências como também a vocação, já que existem os dons nas quais as pessoas precisam se descobrir, pois, ninguém é bom em tudo nem totalmente sem talentos, e assim vamos definindo nossas próprias identidades. É exatamente assim que os personagens vão se constituindo até chegarem ao clímax dos escritos de Clarice Lispector.

Personagens que encontram suas próprias identidades, personalidades que querem mudar seus jeitos, que são influenciados pelo meio e que até mesmo influenciam os que estão a sua volta, esses são as figuras dramáticas que compõem o leque que Clarice deixou.

Bauman (2005, p. 38): apresenta que:

Em nosso mundo de “individualização” em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre sonho pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, essas duas modalidades líquido-modernas de identidade coabitam, mesmo que localizados em diferentes níveis de consciência. Num ambiente de vida líquido-moderno, as identidades talvez sejam as encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas e perturbadoras da *ambivalência*. É por isso, diria eu, que estão firmemente assentadas no próprio cerne da atenção dos indivíduos líquido-modernos e colocadas no topo de seus debates existenciais.

Diante de nossa sociedade considerada líquida-moderna, observamos as mudanças nos estilos e nas pessoas, pois, nada é para sempre ainda mais quando se trata de seres humanos. Sendo assim a cada dia as mentes pensantes podem mudar de opinião, de costumes, e de gostos, ou seja, de identidade, passando assim por um processo evolutivo. Até mesmo uma pessoa pode assumir duas identidades diferentes em uma única época, porém em situações diferentes.

Muitos personagens clariceanos ensinam como não podemos fazer o que não gostamos apenas para agradar amigos, ou até mesmo familiares, pois, dessa forma certamente levaremos sempre nossa vida com maior tranquilidade e felicidade.

Vários personagens textos de Lispector, trazem em si traços religiosos, que nos mostram além de sua vida, os costumes principalmente da igreja católica, muitas vezes arcaicos. Diante da modernidade com relação ao cristianismo, Bauman (2005, p. 79), explica que:

A mente moderna não era necessariamente ateia. A guerra contra Deus, a busca frenética da prova de que “Deus não existe” ou “morreu”, foi deixada para os radicais. O que a mente moderna fez, contudo, foi tornar Deus irrelevante para os assuntos humanos na terra. A ciência moderna surgiu quando foi construída uma linguagem que permitia que aquilo que se aprendesse sobre o mundo, fosse o que fosse, pudesse ser narrado em termos não-teológicos, ou seja, sem referência a um “propósito” ou intenção divinos. “Se a mente de Deus é inescrutável, vamos parar de perder tempo tentando ler o ilegível e nos concentrar naquilo que nós, seres humanos, podemos compreender e fazer.” Tal estratégia conduziu a espetaculares triunfos da ciência e de sua ramificação tecnológica. Mas também teve consequências de longo alcance, e não necessariamente benignas ou

benéficas, para a modalidade humana de “estar no mundo”. A eternidade e os valores eternos, foram as suas primeiras e mais proeminentes baixas.

A identidade pode partir de uma cópia do que se quer ser, pode partir de comunidades, grupos que são formados de costumes, nos quais devem ser cumpridos. As crenças também podem impor formas de vivência, mas mesmo assim muitas pessoas acabam se cansando e lutando contra a sua liberdade, isso é muito comum em comunidades religiosas, já que para estar dentre aqueles membros é obrigatório ter as mesmas praticas. Assim, a identidade pode se tornar uma arma de combate, pois, a pessoa acaba se livrando de um sofrimento de não ser livre e ir em busca da liberdade, já que é terrível não ser o que se quer ser. Bauman (2005, p. 82), nos explica de que forma isso se dá:

Sim, a “identidade” é uma ideia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes. Pode ser um grito de guerra de indivíduos ou das comunidades que desejam ser por estes imaginadas. Num momento o gume da identidade é utilizado contra as “pressões coletivas” por indivíduos que se ressentem da conformidade e se apegam a suas próprias crenças (que “o grupo” condenaria como preconceitos) e a seus próprios modos de vida (que “o grupo” condenaria como exemplos de “desvio” ou “estupidez”, mas, em todo caso de anormalidade, necessitando ser curados ou punidos). Em outro momento é o grupo que volta o gume contra um grupo maior, acusando-o de querer devora-lo ou destruí-lo, de ter a intenção viciosa e ignóbil de apagar a diferença de um grupo menor, força-lo ou induzi-lo a se render ao seu próprio “ego coletivo”, perder prestígio, dissolver-se... Em ambos os casos, porém a “ identidade” parece um grito de guerra usado numa luta *defensiva*: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçada).

Para tanto, podemos dizer que a identidade de cada um é algo um tanto particular, e de difícil repreensão, ainda mais quando se trata de religião e de sexualidade, que além da satisfação do corpo, faz parte da saúde corporal, e da saúde psicológica. O rigor presente nas igrejas, sejam elas católicas ou protestantes, acabam afastando homens e mulheres desse tipo de religião, pois além de por de uma certa forma a vida das pessoas em risco, colocam a prova a saúde dos humanos que acabam “pecando” cada vez mais já que começam a fazer muitas coisas escondidas.

1.4 Sagrado e sexualidade nos contos clariceanos

Neste estudo damos ênfase aos contos eróticos que foram encomendados pela editora Artenova. Em seus contos ela traz explicitamente a presença do sagrado e da sexualidade. O

sagrado abordado por Clarice está ligado ao catolicismo e em erros cometidos pela igreja católica pondo em teste a fé do povo.

Clarice trás em suas narrativas não só a religiosidade, mas também a sexualidade, entrando em confronto com as normas presentes na religião católica. Assim ela demonstra, talvez em seus escritos seu ponto de vista, já que em vários a mesma vai de encontro com os pontos mais polêmicos existentes na igreja católica.

Em alguns contos Clarice trás a sexualidade de forma não banal, porém em algumas partes o leitor pode se sentir envolvido e ter até mesmo desejos sexuais. A sexualidade nas escritas de Lispector, também pode ser interpretada de forma bonita, pois os personagens não negam suas identidades, e sim lutam por elas, pois sabem que só dessa forma conseguiram a verdadeira felicidade.

A religião se realiza verdadeiramente em situações fronteiriças e nos limites da vida, ali onde a compaixão recria relações de iguais. É ali onde os limites e conflitos excludentes entre homens e mulheres, entre pessoas brancas e negras, bem como diferenças econômicas, culturais e religiosas, podem se transformar em relações libertadoras. A religião nasce de novo onde pessoas 'amantes' constroem relações de amor. É ali que se origina a nova linguagem acerca da divindade, porque é exatamente ali que o reino de Deus é estabelecido (TROCH, 2007, p. 92).

A religião que sempre está à frente das pessoas como forma cultural de princípios e valores, que estimulam na identidade das pessoas, mas que muitas vezes não revela sua verdadeira face.

Muitas vezes a identidade dos muitos cristãos é basicamente delimitada a partir das próprias igrejas que muitas vezes sufocam os fieis com normas do que se deve ou não fazer. Como também quando alguém escolher ser padre ou freira e tem por obrigação cumprir muitas normas, mesmo que um deles queira viver o matrimônio dividindo sua vida com quem ama e também ter filhos, mas o catolicismo não dá liberdade de escolha, sendo assim ser padre ou não ser, ser freira ou não ser... Dessa forma, a identidade do indivíduo sofre mudança que é imposta por essas entidades. (MARDONES 1996, p. 109) nos diz que:

A religião estruturava um modo de ver a realidade e o mundo; transmitia um imaginário social, um modo de se estruturar a sociedade. Proporcionava, em suma, o que Erikson denomina uma orientação ideológica compartilhada com outras pessoas, requisito fundamental para conferir sentido e identidade.

A religião acaba maquiando situações e formas de ver a realidade, parecendo tudo normal e rodeado de santidade, como também ditava e dita regras para quem quer seguir certas religiões e ainda modelos de famílias e pessoas a serem seguidos.

O conto moderno traz como elemento presente o sagrado, muitas vezes mitologicamente, ou para revelar a verdadeira cara da sociedade que se diz “certa”.

A mulher frágil que busca que se torna forte ao tomar posse de uma atitude sobre o que de verdade quer em sua vida, como bem diz (HOMEM 2012, p.112): “Ocupar a posição de “mulher” remete a se posicionar quanto à sexualidade, o que não se faz sem o confronto com o Outro, diverso do mesmo-feminino que se compõe ao masculino e é por ele delineado”.

Além do sagrado bastante presente em seus personagens, Clarice também trás, principalmente em contos encomendados a presença da sexualidade, por vezes de forma erótica leve. Personagens com sexualidade a mostra, mas também ingênuos...

Na visão de Giddens (1993) a sexualidade tem sido demonstrada de forma aos estilos de vida variados, sendo algo que todos nós temos e que liga o corpo a identidade. Giddens (1993, p.25), define que:

“Hoje em dia a sexualidade tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós ‘tem’, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem que ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais.”

Todos somos seres sexuais, porém cabe a nós a prática dependendo de nosso estilo de vida, se a regra de órgãos a que pertencemos permite ou não e de que forma.

O contos clariceanos demonstram o desejo dos personagens de uma forma verdadeira, na qual podemos nos sentir-se envolvidos sexualmente o que torna seus textos levemente eróticos, Foucault (1988, p. 95) explica isso da seguinte forma:

Sob o tema geral de que o poder reprime o sexo, como na idéia da lei constitutiva do desejo, encontra-se a mesma hipotética mecânica do poder. Ela é definida de maneira estranhamente limitativa. Primeiro, porque se trataria de um poder pobre em seus recursos, econômico em seus procedimentos, monótono nas táticas que utiliza de invenção e como que condenado a se repetir sempre.

Os personagens eróticos criados por Clarice possuem desejos que são transparecidos durante a leitura que fazemos, ou seja, seus personagens possuem o poder de escolher o que querem e como querem.

Foucault (1988, p.114), vem dizer que:

Não se deve escrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela parece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.

A sexualidade ainda é vista como algo denso, de proibição, de pouca conversa sobre o assunto. Algo que muitas vezes parece até mete medo nas pessoas, mas, não somente o sexo em si, como também o assunto deve ser algo leve, conversado por todos, e não uma barreira, que não pode existir ou que apenas adultos podem saber. É um tabu a ser quebrado. Foucault (1988, p.87), apresenta que:

Dentre seus emblemas, nossa sociedade carrega o do sexo que fala. Do sexo que pode ser surpreendido e interrogado e que, contraído e volúvel ao mesmo tempo, responde ininterruptamente. Foi, um dia, capturado por certo mecanismo, bastante feérico a ponto de se tornar invisível. E que o faz dizer a verdade de si dos outros num jogo em que o prazer se mistura ao involuntário, o consentimento à inquisição. Vivemos todos, há muitos anos, o reino do príncipe Mangoggul: presa de uma imensa curiosidade pelo sexo, obstinados em questioná-lo insaciáveis a ouvi-lo e ouvir falar nele, prontos à inventar todos os anéis mágicos que possam forçar sua discrição. Como se fosse essencial podemos tirar desse pequeno fragmento de nós mesmos, não somente prazer, mas saber todo um jogo sutil que passa de um para o outro: saber do prazer, prazer de saber, prazer- saber; [...].

Todos tem desejos e vontades sexuais, isso é fato inevitável, não se pode negar, que muitas pessoas podem castigar a si próprios para inibir tal desejo, mas esse tipo de controle é extremamente difícil, já que é uma necessidade de nosso corpo. Há muitos anos atrás a igreja católica tinha o costume de pregar mortificação ou flagelação, via-se sacerdotes que batiam em si próprios, passavam fome, como forma de arrependimento. Hoje em dia a prática mais comum é a penitência, praticada não só por celibatários sacerdotes, mas também pelos próprios leigos e isso acontece, normalmente, após a confissão que é obrigatória também aos reverendos.

Foucault (1988, p.88), mostra sobre a evolução do tema sexualidade em nosso meio dialogando que:

A questão sobre o que somos, em alguns séculos, uma certa corrente nos levou a coloca-la em relação ao sexo. Nem tanto ao sexo-natureza (elemento do sistema do ser vivo, objeto para uma abordagem biológica), mas ao sexo história, ao sexo significação, ao sexo-discurso. Colocamo-nos, a nós mesmos sob o signo do sexo, porém, de uma *Logica do sexo*, mais do que uma *Física*. Não devemos enganar-nos: sob a grande série das oposições binárias (corpo-alma, carne-espírito, instinto-razão, pulsões-consciência) que pareciam referir o sexo a uma pura mecânica sem razão, [...].

Demorou, mas as pessoas passaram a entender que a sexualidade faz parte dos sujeitos. Que tudo isso jamais é anormal, e que precisamos não só de nosso contato pessoal-sexual, mas sim de um contato com o outro.

A partir do discutido consideramos importante analisar o conto *Melhor que arder* que faz parte do livro *A via crucis do corpo* de Clarice Lispector em uma perspectiva religiosa.

2- O SAGRADO: UMA ANÁLISE DO CONTO MELHOR QUE ARDER

Neste capítulo analisamos o conto *Melhor que arder* de Clarice Lispector, dando ênfase ao sagrado, tentando para subjetivação, do psicológico, e da sexualidade presente nos principais personagens do conto.

2.1 Contação de um conto

O livro *A via crucis do Corpo* foi publicado no ano de 1974, na explicação pode ser considerado sob dois aspectos, se entendido como conto é uma narrativa, pode ser entendido como um aspecto da escritora sobre sua obra, apresentado como narrativas que apresenta fragilidade, ou seja, como produção menor, e feita por encomenda. “Só peço a Deus que ninguém me encomende mais nada. Porque, ao que parece, sou capaz de revoltadamente obedecer, eu a inliberta.” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

O livro é composto por quatorze contos, entre eles temos *Melhor que arder*: O conto trata de uma jovem descrita como alguém forte, e de corpo marcado por traços que a denunciam ser um corpo fervoroso. Madre Clare é seu nome, a mesma entra para o convento por imposição de sua família, que queria ver sua Clara protegida no seio do Senhor Jesus.

Clara cumpria suas obrigações como manda as normas de um convento como rezas, confissões, ir a missa, comungar, andar com o corpo bem coberto. Porém, aos poucos a jovem freira foi se cansando daquela rotina, cheia de mulheres onde não podia se quer cuidar de sua beleza.

Madre Clara escolheu uma amiga também freira para ser sua confidente, e sua amiga lhe aconselhara fazer como penitência, a motificação de seu corpo, e assim a jovem celibataria fez, porém nada lhe adiantava. Então, a moça foi se confessar ao padre, mas o concelho foi o mesmo, motificar o seu corpo.

Quando ia comungar e o padre lhe tocava boca Clara precisava controlar seus desejos para não morder a mão do sacerdote, o mesmo até percebia tão grande era a reação da moça. “Mas na hora em que o padre lhe tocava a boca para dar a hóstia tinha que se controlar para não morder a mão do padre”. (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Os desejos de Clara eram tão grande que a jovem já não podia ver Cristo nu. “ Não podia mais ver o corpo quase nu do Cristo”. (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Não era apenas Clara que sentia desejos, pois em um momento de confissão a jovem contou ao sacerdote que raspava as pernas e o padre ficou cheio de desejos imaginando suas pernas fortes e torneadas. “Madre Clara era filha de portugueses e, secretamente, raspava as pernas cabeludas. Se soubessem, ai dela, Contou ao padre. Este ficou pálido. Imaginou que suas pernas deviam ser fortes, bem torneadas”. (LISPECTOR, 1998, p. 72).

A pobre moça já não aguentava mais estar no convento, poi não era sua vocação. Em um dia durante o almoço a madre começou a chorar e dai em diante vivia assim. Então resolveu ir à aconfissão mais uma vez, e dessa vez disse ao padre que não aguentava mais, então o padre disse a jovem: “é melhor não casar. Mas é melhor casar do que arder”. (LISPECTOR, 1998, p. 72).

Rapidamente uma reunião com a madre superior foi marcada, Clara foi firme dizendo que não queria mais ficar no convento, e sim encontrar um homem para casar. “Pedi uma audiência com a superiora. A superiora repreendeu-a ferozmente. Mas Madre Clara foi firme; queria sair do convento, queria achar um homem, queria casar-se”. (LISPECTOR, 1998, p. 72).

Mais que depressa arrumou suas malas, e foi embora morar em um pensionato de moças. Clara agora mais que nunca se cuidava, seu cabelos cresciam, ela própria costurava seu vestidos. “Arrumou sua pequena bagagem e deu o fora. Foi morar num pensionatode moças. [...] Ela mesma fazia seua vestidinhos de pano barato”. (LISPECTOR, 1998, p. 72).

A ex-freira não deixou de rezar, mas dessa vez pedia para que Deus lhe enviasse um marido. “Rezava muito para que alguma coisa boa lhe acontecesse. Em forma de homem”. (LISPECTOR, 1998, p. 72). Em um belo dia Clara foi ao boteco da esquina comprar uma garrafa de água, foi quando o dono do estabelecimento se encantou com o jeito de Clara. “Foi ao botequim comprar uma garrafa de água Caxambu. O dono era um guapo português que se

encantou om oc modos discretos de Clara. Não quis que ela pagasse a água Cxambu”. (LISPECTOR, 1998, p. 73). A jovem volta no outro dia para comprar cocada, então o dono do estabelecimeno por nome de Antonio a convidou para ir ao cinema, mas a jovem não aceitou e no outro dia ele voltou a fazer o convite, porém dessa vez prometeu não tocar a jovem Clara e ela aceitou o gênroso convite. “O português por nome Antômio, criou coragem e convidou-a a ir ao cinema com ele. Ela negaceou. No dia seguinte voltou para tomar um cafezinho. Antônio lhe prometeu que não a tocaria se fossem ao cinema juntos. Aceitou”. (LISPECTOR, 1998, p. 73).

O lindo casal foi ver o filme, no qual ao fim ja estavam de mãos dadas. Apartir daí, desencadeou um lindo amor. “ Foram os dois ver um filme e não prestaram nele amínima atenção. No fim do filme, estavam de mãos dadas”. (LISPECTOR, 1998, p. 73). Os dois todos os dias passeavam. Então, revelado a Clara ser rico, Antônio pede a jovem em casamento. “Sou rico, o botequim dá muito dinehiro para nós nos casármos . Queres? “. (LISPECTOR, 1998, p. 73). Os dois casam-se na igeja com o mesmo padre das confissões de Clara.

Tiveram filhos e para a surpresa dos leitores, a jovem tem quatro filhos homens, todos cabeludos.

Veremos agora os personagens introspectivos e psicológicos de Clarice Lispector.

2.2 Clarice e seus personagens introspectivos e psicológicos

A introspecção psicológica parte não só nas narrativas de Clarice Lispector, como também em obras de outros escritores como Jame Joyce e Wirginia Wdelf, dentre outros.

Clarice sempre foi uma mulher de aparecer pouco em público, de dar poucas entrevistas, existe até rumores de que a mesma mentisse um pouco quando falava algo dos acontecimentos de sua vida. Acreditamos que isso, se dava pelo fato de ter vergonha ou até mesmo de não gostar de lembrar-se de seu passado sofrido.

A personagem principal de seu conto Melhor que arder é a madre Clara, de aparência forte que entra no convento por imposição de sua família que queria vê-la junto de Deus, e a forma que encontraram foi impor que a mesma fosse morar em um convento. “Entrara no convento por imposição da família: queriam vê-la abrigada no seio de Deus. Obedeceu.” (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Já na protagonista do conto em questão podemos perceber que apesar de forte, Clara é de tal forma dominada pela família. mesmo sem saber se isso é ou não a vocação da moça. “ Entrara no convento por imposição da família: queriam vêla abrigada no seio de Deus. Obedeceu”. (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Assim como já dito Clara vira a Madre Clara. Porém com o passar do tempo é despertado um desejo sexual na mesma, sendo esse desejo totalmente proibido já que Clara devia viver o celibato. Clara enquanto jovem, demonstra ser imatura e inocente aos olhos de nós leitores, já que além de não ter o direito de escolher o que quer de verdade, a moça ainda cumpria todas as regras daquele local até que a vontade e o desejo sexual chegaram até seu ser. “Cumpria suas obrigações sem reclamar. As obrigações eram muitas. E havia as rezas. Rezava com fervor.” (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Madre Clara começa a se cansar diante daquela situação, pois já que aquela não era sua vocação, não seria fácil suportar tudo aquilo por muito tempo. “Mas começou a se cansar de viver só entre mulheres”. (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Podemos perceber o cenário psicológico da personagem principal desse conto, já que a mesma demonstra seus sentimentos de angústia e cansaço. Dessa forma, é evidente o quanto Clarice trás em seus contos novidades, principalmente no que diz respeito a suas temáticas abordadas como podemos observar no conto aqui analisado. (MEDEIROS, 2003, p. 119). [...] “serviu-se de toda a versatilidade do gênero para fazer da construção da subjetividade e da reflexão sobre a linguagem – eixos da obra clariceana – temas a serem explorados nas mais variadas situações”. Não só gênero e subjetivação, mas também a psicologia dos personagens clariceanos.

Assim a vida de Clara se torna uma tortura, pois a mesma se encontra entrelaçada em seus desejos e sua obrigação, qual seja seguir a vontade de seus pais. Sendo assim o ambiente vivido pelos personagens Clariceanos, são perpassados pela introspecção psicológica, levando em consideração que os mesmos deixam transparecer seus sentimentos e desejos.

Clara se vê sem aguentar seus desejos, que a fazem arder, não aguenta mais a situação de viver apenas entre mulheres, e sente desejos até em ver Cristo nu. Quando fica de frente com o padre para receber a eucaristia, treme de desejos com o simples gesto de o padre tocar levemente com a mão em sua boca. “Mas começou a se cansar de viver só entre mulheres. Mulheres, mulheres, mulheres. [...] Mas na hora em que o padre lhe tocava a boca para dar a hóstia tinha que se controlar para não morder a mão do padre”. (LISPECTOR, 1998, p. 71).

A personagem Clara sente desejos que são revelados aos leitores, como também angústia de viver só entre mulheres, até mesmo chora por não aguentar mais viver daquela forma. Nas primeiras linhas do conto quando Clarice revela que Clara é alta, cabeluda, com buço, olhos negros e profundos também podemos tirar a conclusão de um ser psicologicamente forte que é capaz de ultrapassar barreiras que venham existir em sua frente. “Era alta, forte,

cabeluda. Madre Clara tinha buço escuro e olhos profundos, negros”. (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Dessa forma, pelo desenrolar da personagem diante dos fatos, observamos a atmosfera na qual vive Clara. Ainda falando sobre Clara, podemos extrair muitas coisas sobre sua personalidade, pois a personagem não se entregou aos desejos do corpo facilmente. A jovem beata lutou contra tudo que sentia, porém sua vocação não era estar ali, a mesma não escolheu estar ali, foi simplesmente para obedecer a seus pais. “Passou a dormir em Laje fria. E fustigava-se com silício. De nada adiantava. Pegava gripes fortes, ficava toda arranhada. Confessou-se ao padre. Ele mandou que continuasse a se mortificar. Ela continuou.” (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Clara em sua história de vida encontra-se psicologicamente, e sociologicamente aprisionada, já que ela é vítima dos costumes da igreja católica e da imposição de sua família, que não condizem com sua essência, que era de casar e ter filhos. “São angustiados, melancólicos: sentem-se desajustados em relação a vida pacata e sem sobressaltos; desejam a liberdade; refletem sobre a capacidade expressiva das palavras”. (MEDEIROS 2003, p. 120).

A amiga confidente e o padre são parecidos no que diz respeito ao papel da vida da jovem madre, que impõem que a jovem seja forte e procure deixar de sentir desejos, continuando assim, sua vida no convento. Acreditamos que, como forma de revelação, Clarice vê no padre algo a mais, pois revela que o mesmo também sente desejos e em um momento é envolvido pelo jeito forte de uma mulher que é jovem Clara. “Madre Clara era filha de portugueses e, secretamente, raspava as pernas cabeludas. Se soubessem ai dela. Contou ao padre. Este ficou pálido. Imaginou que suas pernas deviam ser fortes, bem torneadas.” (LISPECTOR, 1998, p. 72).

Antônio que faz par romântico com Clara se apaixona pela moça assim que a vê, trata a jovem com muito carinho e educação, Clara fica corada demonstrando para que dessa vez encontrou quem sabe o amor de sua vida. “Foi ao botequim comprar uma garrafa de água Caxambu. O dono era guapo português que se encantou com os modos discretos da Clara. Não quis que ela pagasse a água Caxambu. Ela corou.” (LISPECTOR, 1998, p. 73).

2.3 Identidade e gênero nos personagens do conto *melhor que arder*

Clarice Lispector trabalhou em seus personagens uma identidade pessoal e autêntica que revela muitas vezes a identidade da própria Clarice.

Madre Clara, moça de identidade forte, mas que se encontra em alguns momentos desolada pelo fato de não se encontrar no mundo religioso, luta e toma decisões para seu bem,

para seu sossego e felicidade. “Uma dia na hora do almoço começou a chorar. [...] Pediu uma audiência com a supervisora”. (LISPECTOR, 1998, p. 72).

Clarice em muitos momentos de sua vida, tanto na escrita, como em raras entrevistas, demonstrou o não encontro com o seu próprio “eu”, dentre esses momentos Clarice escrevia e colocava em seus escritos o seu mundo escondido, suas vontades, seus desejos e ainda alguns de seus fatos reais.

O gênero feminino muito presente em suas obras podem ser um revelar-se da escritora. Em alguns momentos apresenta um gênero frágil, em outras mulheres fortes, apesar de alguns contos do livro *A via crucis do corpo* ter sido encomendado, não podemos dizer que o mesmo não foi feito de corpo e alma pela contista.

Suas personagens encontravam-se em muitos momentos perdidas, em busca da felicidade, em outros prontas para uma guerra, já em outros decididas, mas o que nunca faltou a elas momentos em que as mesmas chegavam ao ápice da completude e da felicidade.

Para, Bauman (2005, p. 17), identidades fortes:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age- e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada.

Os personagens clariceanas, principalmente madre Clara se encaixa no que diz Bauman, pois a mesma entra para o seminário, e isso para ela não era nenhum problema, já que a jovem inicialmente cumpria suas tarefas no convento sem nenhum problema, mas o tempo se encarregou de mudar sua identidade, fazendo com que tudo aquilo deixasse de lhe agradar, de lhe pertencer.

Por mais que Clara fosse determinada em suas obrigações no convento, a jovem não conseguiu seguir, pois existia algo mais forte que a atormentava. Era sua felicidade que não estava no convento. “Cumpria suas obrigações sem reclamar. As obrigações eram muitas. E havia as rezas. Rezava com fervor.” (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Para a igreja católica a vocação é um chamado de Deus a servir, de forma a se entregar por inteiro, no caso dos celibatários que são os sacerdotes em geral e as freiras, a vida dos mesmos deve ser dedicada somente a Deus, e a sua igreja. Dessa forma, os celibatários não

podem se casar, nem ter filhos, pois só assim se pode ter tempo para se dedicar a Deus como celebrar missas, fazer visitas, confissões e no caso das freiras a rotina é bem mais leve, porque as mesmas só podem celebrar, rezar, se confessar e ajudar o próximo. Sobre as vocações como identidade Bauman (2005, p. 20), explica que:

Pode-se reclamar de todos esses desconfortos e, em desespero, buscar a redenção, ou pelo menos o descanso, num sonho de pertencimento. Mas também se pode fazer desse faro de não ter escolha uma vocação, uma missão, um destino conscientemente escolhido-ainda mais pelos benefícios que tal decisão pode trazer para os que a tomam e a levam a cabo, e pelos prováveis benefícios que estes podem oferecer a outras pessoas.

Bauman apresenta a busca pela identidade de forma que podemos ver exemplos de pessoas que iniciam vários cursos e acabem demorando a se identificar com algum, pessoas que não conseguem encontrar uma profissão na qual execute com carinho, ou se o melhor é ser padre, ou casar e ter filhos ou não ser nada, apenas viver.

No conto Melhor que arder Clara simplesmente entra no convento para obedecer a seus pais como já foi visto, e tenta seguir naquele lugar, se esforça, mas não consegue fugir e acaba saindo do convento. Bauman (2005) diz que existem as escolhas que devem ser feitas conscientemente e não por impulso. A escolha de sair do convento foi feita conscientemente por Clara, por isso a mesma aguardou seu príncipe achou encontrando e dessa forma vivendo feliz. “Casaram-se na igreja e no civil. [...] Fora passar a ardente lua de mel em Lisboa. Antônio deixou o botequim aos cuidados do irmão. Ela voltou grávida, satisfeita, alegre. Tiveram quatro filhos, todos homens, todos cabeludos”. (LISPECTOR, 1998, p. 73).

Sem dúvida cuidar das pessoas em nome de Deus é um gesto muito bonito que exige vocação e convicção, já que seguir esse caminho requer muita coragem e não apenas obediência à própria família. Clarice Lispector, talvez, quis transmitir isso quando escreveu esse conto. Trouxe-nos um erotismo leve e também um ensinamento através da força de coragem de vencer da personagem Clara.

Ainda sobre identidade Bauman (2005, p. 35), mostra que:

As principais razões de as identidades serem estritamente definidas e desprovidas de ambigüidade (tão bem definidas e inequívocas quanto a soberania territorial do Estado), e de manterem o mesmo formato reconhecível ao longo do tempo, desapareceram ou perderam muito do poder constrangedor que um dia tiveram. As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, captura-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas.

De acordo com o que dialoga Bauman, o tempo de identidades definidas e imutáveis passou, pois os indivíduos podem mudar de opinião, gostos, e de identidade, pois com o passar do tempo essa mudança acontece com as vivências e novidades que vão acontecendo ao mundo a nossa volta que certamente acaba nos envolvendo principalmente quando encontramos abertos a mudanças, de certa forma, algumas vezes, basta vir uma oportunidade ou alguém aparecer de uma forma diferente para mudarmos quase que imediatamente de identidade.

No conto *Melhor que arder* aqui estudado, temos um pequeno exemplo de influência para mudança de identidade. O padre que sempre está presente no dia a dia de Madre Clara em um momento é influenciado pela moça, mesmo que sem Clara ter culpa. “[...] Clara [...] secretamente, raspava as pernas cabeludas. Se soubessem ai dela. Contou ao padre. Este ficou pálido. Imaginou que suas pernas deviam ser fortes, bem torneadas.” (LISPECTOR, 1998, p. 72).

A amiga confidente de Clara também tem sua identidade que é seguidora da religião católica, pois observamos que a mesma segue o que a igreja lhe impõe, e sempre manda Clara fazer o que os dogmas do celibato ensinam, dogmas esses não mais existentes, que são os castigos para as desobediências de fornicção, e os desejos sentidos pelos celibatários. Esses castigos tinham por nome “mortificação”. “Escolheu uma amiga como confidente. Disse-lhe que não aguentava mais. A amiga aconselhou-a: - Mortifique o corpo.” (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Na igreja católica, esse fato é sempre provável já que os desejos amorosos e sexuais se encontram em jogo, ou seja, padres ou freiras podem em meio a suas caminhadas se envolverem com outra pessoa e deixarem o celibato para casar, e ter filhos como aconteceu com madre Clara personagem criada por Clarice Lispector.

Mardones (1996, p. 109), diz:

A religião estruturava um modo de ver a realidade e o mundo; transmitia um imaginário social, um modo de se estruturar a sociedade. Proporcionava, em suma, o que Erikson denomina uma orientação ideológica compartilhada com outras pessoas, requisito fundamental para conferir sentido e identidade.

A igreja era e ainda é influenciadora das famílias e da sociedade, pois dita regras nas quais dizem ser o certo a seguir.

Sendo assim, a igreja também passa por crises de identidade diante do contexto social que a mesma presencia, muitas vezes deixando até de viver costumes que há muitos anos

existem. Tudo isso, pode acontecer com pessoas que mudam de religião, de opção sexual e até mesmo de profissão.

2.4 A subjetivação na escrita do conto *Melhor que arder* de Clarice Lispector

As escritas de Clarice Lispector, muitas vezes são leituras de difícil compreensão que exige um leitor competente, visto que o que se vê em suas narrativas a importância das repercussões dos fatos e não as ações de suas figuras dramáticas.

Ao analisar o corpus deste estudo vê-se o quanto Clarice descreve a personagem principal primeiramente, para que nós leitores possamos imaginar aquela mulher na qual é descrita nas primeiras linhas do conto. Dessa forma, ela faz íntima de Clara, conhecedora de sua vida, e de seus mais íntimos momentos. Assim ao ler o conto mergulhamos em um novo mundo, numa nova história, e em um piscar de olhos como personagens observadores da vida de Clara. Se alguém perguntar sobre a mãe podemos falar dela com certa intimidade, visto que há um chamamento, nas narrativas de Lispector, mesmo que de forma implícita pois o leitor imergi na história.

Além de sentirmos quase personagens da história, somos levados e desafiados por Clarice a dar um parecer, uma opinião sobre as situações em que se envolvem as personagens. Tudo isso é automático, e muitas vezes nem percebemos quando e como isso se dá.

Os contos Clariceanos possuem a marca de trazer uma trajetória nas quais os personagens vão vivendo, e passando por situações, sendo concluídos com desfechos que muitas vezes dão a liberdade de imaginar o que ainda está por acontecer. (Kanaan 2002, p. 198), explica a trajetória dos personagens Clariceanos da seguinte forma:

Sua obra marca muito essa posição na trajetória dos personagens, continuamente descentrados e questionados sobre sua posição estrangeira. A constatação, ao final de cada percurso, é sempre a mesma, essa posição é condição da própria vida, de quem está no mundo. Longe de negar isso torna esse fato uma das condições da própria existência, do sujeito e da escrita.

Clarice se aproxima e faz seus personagens se aproximarem do público leitor por meio do conhecimento que é escrito. Pois a mesma descreve, conta os fatos, mostra os sentimentos e ainda, leva o leitor ao percurso de vida das personagens como também ao desenrolar dos problemas.

Em seus contos eróticos, como *Melhor que arder* e vários outros, o leitor é envolvido, e despertado sua imaginação podendo sentir, até mesmo desejos diante de algumas cenas

imaginadas. Clarice possui o poder em suas escritas e, o leitor o poder de conhecê-la, pois Lispector traz suas emoções para seus escritos.

Kanaan (2002, p. 201), fala sobre a aproximação de Clarice com o público.

Para a escritora essa aproximação com o outro se dá pela escrita, este é o modo que elegeu para estar em contato com ele. Daí sua presença constante e sua importância na obra clariceana. Sem este outro precisa estar na distância exata para poder ser visto e escutado, para poder ser reconhecido e não “confundido” comigo mesmo, caso em que eu cairia no oposto do almejado, pois eu me anularia e anularia o outro.

Clarice demonstra ser um pouco tímida e encontra na literatura uma forma de entrar em contato com o outro.

Não há nada mais vivo do que a escrita de Clarice. Depois de passados 39 anos de sua morte, a mesma se encontra viva através das palavras. Palavras essas, que revelam muito, fazem companhia conversando conosco, põem a pensar e colocam-no em outro mundo e em outras situações.

Madre Clara é muito forte e foi criada por uma mulher forte que passou por muitos momentos difíceis, a mesma deu muita importância para seus textos, se colocando neles. “escrevo com amor com amor e atenção dor e pesquisa, e queria de volta, como mínimo, uma atenção e um interesse”. (Lispector apud Borelli, 1981; p. 54).

Clarice colocou sua alma em seus textos, por isso através deles passamos, a saber, como era Clarice. Com o mundo Lispector fez história para si e para o outro. Assim Kanaan (2002, p. 206), reforça o dito parágrafo que:

Sendo assim, Clarice desprende-se, transcende o plano biográfico, fazendo uso dele, pela escrita, criando um novo campo um “novo mundo”, uma nova “biografia”, uma “grafia da vida”, não mais a da autora, mas aquela inventada no encontro com o leitor.

Clarice transparece ao público sua ida através de seus escritos e personagens e assim é criada uma nova biografia.

2.5 O sagrado e a sexualidade nos personagens do conto *melhor que arder*

Não há como não ser notada a forte presença do sagrado dentro de várias obras de Clarice Lispector. A mesma trás de diversas formas Deus, as religiões, os costumes e a sexualidade em seus textos.

O conto *Melhor que arder* como já dito anteriormente, trata da história da madre Clara que entra no convento por imposição de seus pais que queria vê-la abrigada no seio de Deus. (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Clarice coloca seu conto de frente com os costumes e dogmas da igreja, pois trás no mesmo a vivência de uma celibatária que pode ser comparada com o que acontece na vida real, levando assim, a pensar e analisar as situações, como também chegar a formar opiniões.

Um ponto polêmico até hoje, é o celibato instituído pela igreja católica, esse tema tem gerado discursões até em rodas de conversas de leigos no assunto. Ser celibatário é muito mais do que não casar apenas, é para a igreja uma forma de fidelidade a Deus, já que a humanidade deve seguir o exemplo de Jesus que veio para viver conosco na terra. Dessa forma, se entende que se Jesus não casou, então o padre que é a imagem do filho de Deus também não pode.

Ser padre e casar, ou ser freira e casar, para a igreja católica faria com que o homem ou mulher não se dedica-se inteiramente aos seus projetos e ao povo de Deus, já que um dos mandamentos é “amar a Deus sobre todas as coisas”.

O matrimônio não foi proibido para os consagrados da igreja católica durante os dez primeiros séculos de sua existência. Durante esse tempo São Pedro e outros seis papas gozaram do matrimônio, até que o concílio Nicea instituiu que, depois de ordenados, os sacerdotes não poderiam mais casar, até que em 1073, Gregório VII estabeleceu o celibato, afirmando que o casamento dos sacerdotes era errado já que os mesmos são tidos como a imagem de Cristo e Ele não casou. Apesar de muitos historiadores afirmarem que essa decisão se devia, para evitar que os bens dos bispos, e sacerdotes casados, fossem herdados por suas esposas e filhos, que podiam não beneficiar a igreja com a herança.

Hoje em dia são vários os tipos de ordenados da igreja católica que abrangem homens e mulheres casados ou não. Dentre os celibatários podemos destacar as freiras, diáconos, padres, bispos, e o papa, dentre os que podem casar destacamos o diácono permanente, que pode casar, mas não pode consagrar o corpo e o vinho, ou seja, não celebra a santa missa, e também as freiras da terceira ordem que apenas algumas usam habito.

A igreja não força nenhum humano a viver o celibato, muitas congregações espalhadas no mundo incentivam a vocação, sendo exatamente isso que a igreja investiga antes e durante a formação de um aspirante religioso. Que é justamente o que Jesus fala em um de seus discursos na Judéia que está em Mateus 19: 11,12 que bem diz:

Ele, porém, lhes disse: Nem todos podem receber esta palavra, mas só aqueles a quem foi concedido. Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem pode receber isto, receba-o.

Essa é uma das passagens Bíblica na qual a igreja se baseia para a vivência do celibato. Também podemos citar 1 Coríntios 7:7,9 que diz:

Gostaria que todos os homens fossem como eu; mas cada um tem o seu próprio dom da parte de Deus; um de um modo, outro de outro. Digo, porém, aos solteiros e às viúvas: é bom que permaneçam como eu. Mas, se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo de desejo.

Hipoteticamente o ideal seria que os solteiros continuassem solteiros para serem poupados das dificuldades de um casamento, como também as viúva (os), mas, se o desejo da carne for maior aconselha-se que se case para viver com uma só e ser fiel a mesma.

Clarice também trás não em forma de crítica, mas para que os leitores possam analisar as atitudes e costumes da igreja católica da antiguidade, que era a mortificação brutal para o homem ou mulher que vivia o celibato e que sentia desejos carnis ou que praticava de outra forma o pecado e descumpria algumas normas da igreja. Muitas vezes essa penitência era aplicada depois de uma confissão, ou quando o celibatario era pego em pecado. Tudo isso, era praticado antes do concílio do Vaticano. Hoje, a igreja tem como mortificação o jejum e a abstinência entre outros sem exagero para não machucar o praticante.

Os desejos de clara eram tão fortes que a mesma não se controlava na hora de receber a hóstia sagrada: “[...] tinha que se controlar para não morder a mão do padre. Este percebia, nada dizia. Havia entre ambos um pacto mudo. Ambos se mortificavam.” (LISPECTOR 1998, P.71).

Outro ponto que Clarice leva-nos a refletir em seu conto, é a imposição da família. Muitos pais acham que o melhor caminho para um filho ou uma filha é que entrem em alguma congregação, até mesmo para não se envolver com as coisas mundanas que o mundo oferece. Alguns pais faziam até mesmo promessa antes dos filhos nascerem ou até mesmo antes de saberem qual a vocação dos mesmos.

Sugestivamente, o nome Clara dado a protagonista do conto remete também a religiosidade da igreja católica, já que Clara foi uma jovem seguidora de São Francisco de Assis, canonizada em 1255, hoje exaltada e conhecida por Santa Clara de Assis, como também um ser cheio de luz em busca da felicidade. E Antônio par romântico de Clara,

também nos remete a um santo chamado de Antônio de Bulhões, canonizado em 20 de maio de 1232 e hoje conhecido como santo Antônio, o santo casamenteiro. Ou seja, Clarice nos trouxe de forma indireta muitos ensinamentos sobre a igreja católica.

Madre Clara se sentia presa naquele lugar, já não aguentava mais ver e conviver apenas com mulheres. “Mas começou a se cansar de viver só entre mulheres. Mulheres, mulheres, mulheres.” (LISPECTOR, 1998, p. 71). Clara não nasceu para aquela vida, Clara não aguentava mais viver fechada para o mundo que gostava, sonhava, almejava chegar. Clarice nos mostra o mundo fechado em que vive as mães, mundo esse em que os sexos (Homem e mulher) não podem manter contato, é uma vida vocacional mesmo, na qual as freiras simplesmente entram em oração, pedem perdão a Deus louvam ao senhor Jesus.

A protagonista já não aguentava mais ver o corpo de Jesus nu, já que era a única imagem de homem que a mesma via. A jovem já não aguentava mais sofrer de tanto desejo.

A personagem Clara foi forte e não desistiu do que queria, pois seus desejos sexuais eram imensos e incontroláveis, já que não havia como sacia-los, então resolveu contar tudo ao padre no qual sempre se confessava o padre disse que continuasse a se mortificar, mas de nada adiantava e os seus desejos continuavam fortes. “Passou a dormir em laje fria. E fustigava-se com silício. De nada adiantava. Pegava gripes fortes, ficava toda arranhada.” (LISPECTOR, 1998, p. 71).

A jovem mãe sentia desejos fervorosos até mesmo nas mais simples situações, como quando o padre lhe tocava a boca ao entregar a hóstia sagrada, a moça ficava cheia de desejos incontroláveis, até mesmo o padre percebia. “Mas na hora em que o padre lhe tocava a boca para dar a hóstia tinha que se controlar para não morder a mão do padre. Este percebia nada dizia. Havia entre ambos um pacto mudo. Ambos se mortificavam”. (LISPECTOR, 1998, p. 71). Mãe Clara não aguentava mais e precisava ceder a seus desejos, precisava ir de encontro ao seu futuro. Essa ideia vai de encontro com o que diz Foucault (1988, p.89).

Não há por que colocar a questão: porque o sexo é assim tão secreto? Que força é essa que, durante tanto tempo, o reduziu a silêncio e mal acaba de ceder, permitindo-nos talvez questioná-lo, mas sempre a partir e através de sua repressão? De fato, essa questão tão repetida em nossa época nada mais é do que a forma recente de uma afirmação considerável e de uma prescrição secular: lá está a verdade toma-a.

O sexo desde sempre foi um assunto a ser discutido discretamente, hoje não é diferente, as pessoas não possuem o costume de tratar o sexo com algo natural do ser humano.

O sexo é forte e dominador para aqueles que sentem desejos, ainda mais quando não se pode ir ao encontro, a procura do mesmo, por isso, que Clara sente desejos incontroláveis até mesmo com o simples toque da mão do padre.

Até mesmo o padre acaba sentindo desejos por Clara. Como podemos ver o desejo sexual não escolhe onde pousar, e todos estamos vulneráveis a senti-lo, eis aí um ponto no qual Clarice aborda e leva a refletir mais uma vez ao celibato. Será que os padres e madres não poderiam exercer seus papéis na igreja e casarem? para também construir suas famílias? pois já que todos sentem desejos não conseguem viver o celibato. O padre personagem do conto também sentia desejos. “Madre Clara era filha de portugueses e, secretamente, raspava as pernas cabeludas. Se soubessem, ai dela. Contou ao padre. Este ficou pálido. Imaginou que suas pernas deviam ser fortes, bem torneadas”. (LISPECTOR, 1998, p. 72). Dessa forma, se a igreja não impedisse dos padres casarem talvez esse pecado seria evitado.

Madre Clara sofre! Sofre muito pelo que está a viver. Podemos perceber que Clara já estava com sintomas de depressão pelo que Clarice narra, pois a moça comia pouco, chorava muito, comia pouco, tinha orelhas roxas e já não cantava tão bem como antes na igreja.

“Um dia, na hora do almoço, começou a chorar. Não explicou por que a ninguém. Nem ela sabia por que chorava. E daí em diante vivia chorando. Apesar de comer pouco, engordava. Mas tinha olheiras arroxeadas. Sua voz, quando cantava na igreja, era contralto”. (LISPECTOR, 1998, p. 72).

Em busca de uma solução para si própria, a madre resolve falar, resolve dizer que quer ir embora, pois os desejos sexuais de Clara já não deixam mais a moça em paz, ela precisava sair dali e encontrar alguém para sua felicidade. Então, a jovem resolve: (LISPECTOR, 1998, p. 72). “Até que disse ao padre no confessionário: - Não aguento mais, juro que não aguento mais! Ele disse meditativo: - É melhor não casar. Mas é melhor casar que arder”. (LISPECTOR, 1998, p. 72). Clara não titubeou e decidiu que queria sair do convento, queria encontrar um homem para casar. Não podia mais esperar, não podia adiar para resolver o que perturbava há tanto tempo. “A superiora pediu-lhe que esperasse mais um ano. Respondeu que não podia que tinha que ser já. Arrumou sua pequena bagagem e deu o fora. Foi morar num pensionato de moças”. (LISPECTOR, 1998, p. 72).

A supervisora de Clara demonstra um tipo de recusa com a decisão de Clara, ou até mesmo forçar obriga-la a ficar para então se acostumar e aprender a lidar com seus desejos, como se o sexo fosse algo proibido não só para os celibatários, mas também para os que estão

fora da igreja, ou como se o sexo fizesse mal e não fosse natural do homem. Foucault (1988, p.94), comunga com essa ideia quando nos fala da lei da proibição:

Não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo. Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição. Seu objetivo: que o sexo renunciasse a si mesmo. Seu instrumento; a ameaça de um castigo que nada mais é do que sua supressão. Renuncia a ti mesmo sob pena de seres suprimido; não apareças se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação. O poder a oprime o sexo exclusivamente através de uma interdição que joga com a alternativa entre duas inexistências.

O sexo e o que esta ao seu redor é visto com forte proibição, o desejo saciado não pode ser sentido.

Enfim, aquela jovem já não era mais madre Clara e sim Clara. Uma jovem que assumiu seus desejos, e foi em busca de sua vocação, ou melhor, desejo, realização. Qual seja, casar, viver os prazeres proporcionados pelo sexo e formar um família.

Após sua saída, Clara continua a vida com muito respeito, sai do convento e vai para um pensionato de moças, passando a se sustentar com o que seus pais mandavam. Tudo prosseguia conforme sua felicidade, pois a mesma agora estava bem. A ex-madre costurava seus vestidos que continuavam comportados. Essa moça, também continuava a rezar, só que dessa vez por motivos diferentes, queria um marido. Lispector, (1998, p. 72).

Ela mesma fazia seus vestidinhos de pano barato, numa máquina de costura que uma jovem do pensionato lhe emprestara. Os vestidos da manga comprida, sem decote, abaixo do joelho. E nada lhe acontecia. Rezava muito para que alguma coisa boa lhe acontecesse. Em forma de homem.

Quando Clara menos espera um presente é enviado, certamente por Deus. (LISPECTOR, 1998, p. 72). “E nada acontecia. Rezava muito para que alguma coisa boa lhe acontecesse. Em forma de homem. E aconteceu mesmo. Foi ao botequim comprar uma garrafa de água Caxambu. O dono era um guapo português que se encantou com modos discretos de Clara. Não quis que ela pagasse a água Caxambu. Ela corou”.

Deus enviou um belo homem para Clara, homem esse belo e educado, mas não era só isso, jovem era rico com sua venda que dava muito dinheiro. O guapo Antônio chama Clara para assistir a um filme, porém a jovem não aceitou o convite. No dia seguinte Clara vai ao botequim tomar um café e então o jovem guapo fez novamente o convite a Clara e a prometeu

não tocaria na moça, então Clara aceitou. “Foram os dois ver o filme e não prestaram nele a mínima atenção. No fim do filme, estavam de mãos dadas”. (LISPECTOR, 1998, p. 73).

O casal de passou a se encontrar, e passear bastante, depois de ter a certeza de que amava Clara, o jovem Antônio a pediu em casamento, e Clara sem titubear aceitou sem demora. Lispector, (1998, p. 73).

Casaram-se na igreja e no civil. Na igreja quem os casou foi o padre que lhe dissera que era melhor casar do que arder. Foram passar a ardente lua de mel em Lisboa. Antônio deixou o botequim entregue aos cuidados do irmão. Ela voltou grávida, satisfeita, alegre. Tiveram quatro filhos, todos homens, todos cabeludos.

Clarice ao fim do conto transfere para os leitores, a realização da personagem protagonista, pois a jovem realiza seu sonho de casar-se, e ainda constituir uma família, teve filhos com seus traços.

Clara sofreu muito, não teve oportunidade de escolha do que queria inicialmente, adoeceu, passou por momentos até mesmo vergonhosos, mas não lhe faltou força de vontade para lutar em busca da vitória como também paciência para esperar o melhor para sua vida, fazer o que uma mulher poderia viver para ser realizada.

A partir desse conto, Clarice parece mostrar como a protagonista esta sim ao lado de Deus, e segue seus ensinamentos, mesmo sem estar na igreja vivendo o celibato, e apenas em oração, ela esteve ao lado de Jesus mesmo depois que deixou o convento, pois seguiu com respeito o seu destino e temente ao pai, rezando e vivendo a castidade até o dia de seu casamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos mostrar o Sagrado no conto *Melhor que arder*, ou seja, aquilo que Clarice escreveu e aquilo que a mesma coloca a refletir sobre seus temas polêmicos, como religiosidade, sexualidade dentre outros.

O referencial teórico aqui apresentado foi de grande importância para as afirmações e conclusões as quais chegamos, pois deu sustentação as conclusões apresentadas.

O conto *melhor que arder* trás uma personagem que desde o início apresenta a vontade de se libertar de um mundo que era o seu. A frase melhor que arder, que é o título do em questão conto revela quem é Clara, uma moça aprisionada aquele convento, talvez por isso Clara ardia de desejos, pois mesmo depois de casada, não praticava mais esse pecado.

Este estudo permitiu ver o quão Clarice possui uma escritura subjetiva e psicológica, pois faz pensar e refletir sobre seus temas quase sempre polêmicos. Lispector toca em locais “belos” e “perfeitos” da sociedade, mostrando o que é escondido nesses ambientes.

A protagonista Clara tenta se libertar da imposição da família, como também dos dogmas da igreja, nos mostrando seu sofrimento e nos levando a pensar que inúmeros são os aprisionados por essas amarras. Madre Clara é forte o suficiente para dar um basta em seu sofrimento e vai embora.

Através desse estudo, observamos o quanto Clarice trás um fato real para seu conto, ou seja, um fato real para o fictício revelando até mesmo fatos verídicos que muitas vezes são escondidos pelos poderosos.

Clarice dá ênfase no fim de seu conto, a jovem Clara, que mesmo após sair da igreja, das confissões, rezas e missas do dia a dia, não se entregou ao mundo, pois como a personagem ardia de desejos. A mesma poderia ao sair do convento ter ido procurar satisfazer seus desejos com o primeiro que encontrasse. Porém, Clara reza e pede a Deus um homem, continua a se vestir com roupas comportadas. E, até mesmo depois de encontrar seu amor, a moça só então casa na igreja, como os dogmas da mesma manda, para só depois ter relações com seu esposo.

Por fim, a escolha do conto *melhor que arder*, deveu-se ao fato de observarmos indícios evidentes de representações do Sagrado principalmente na vida da protagonista do conto escolhido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ, A. C. C. O olhar multifacetado dos *Laços de família*, de Clarice Lispector. In: **Nau literária**. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas: Artigos da sessão livre. PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 02 N. 02 – jul/dez 2006. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/4885>>. Acesso: 02 de julho de 2011, 17h42min.

BÍBLIA SAGRADA. **Tradução centro bíblico católico**. 46 ed. São Paulo: Av Maria, 1964.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A Estória do Severino e a História da Sverina**: Um ensaio de Psicologia social. São Paulo, Brasiliense, 1998.

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-santo-antonio/119/102/>

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-clara/69/102/>

FAFAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Gaal. 1988.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2007.

GIDDENS, Anoty. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e Erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: editora da universidade Estadual Paulista, 1993.

HOMEM, Maria Lucia. **No limiar do silêncio e da letra**: traços da autarquia em Clarice Lispector. São Paulo: Boitempo, 2012.

KANAAN, Dany Al behy. **A escuta e a subjetivação**: A escritura de pertencimento de Clarice Lispector: São Paulo: EDUC, 2002.

LISPECTOR, C. A via Crucis do Corpo. Rio de Janeiro: ROCCO. 1998.

MARDONES, José Maria. **Aonde v ala religion? Cristione y religion em nuestro tempo Santander**: Editorial sal Terae. 1996.

MEDEIROS, V. L. C. Conto de Clarice Lispector: projeções para além do narrado. In: **Ciênc.let.**, Porto Alegre, n.34, p.119-129, jul/dez, 2003. Disponível em <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/php/sumario.php?sum=34>>. Acesso: 02 de julho de 2011, 17h42min.

PREPONERE, Chisto Nihil. **A mortificação escada para subir ao céu**. 2014. <https://padrepauloricardo.org/blog/a-mortificacao-escada-para-subir-ao-ceu>

REGUERA, N. **Clarice Lispector a encenação da escritura**: em a via crucis do corpo. São Paulo: Unesp, 2006.

SCHREITER, J. **A nova catolicidade**: a teologia entre o global e o local. São Paulo: Loyola, 1998.

TROCH, L. **Passos com paixão:** uma teologia do dia a dia. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e Gênero:** a construção da identidade feminina. Caxias do Sul: Educs, 2006.